

O nó da discórdia

CARLOS MONFORTE



— Ah, então quer dizer que os bancos podem quebrar a economia, mas os juros baixos não podem quebrar os bancos. É isso? E em qual parte do mundo juro baixo quebra banco?

Haddad deve ter pigarreado. Mas o que ficou na cabeça do Presidente foram os mistérios insondáveis da economia. E foi a partir daí que começou a pensar mais seriamente no seu “curinga”, como sempre tratou o ministro Eliseu Rezende. O objetivo principal de Rezende será o de resolver esse mistério e, para isso, terá como arma fundamental a área de fiscalização do Banco Central.

Itamar Franco está convencido de que os juros estratosféricos são a grande causa da inflação, e que Haddad estava dominado pela burocracia do BC, que era levada nas rédeas pela Fe-

braban — a Federação dos Bancos. Segundo estudos feitos pela área econômica, os juros são responsáveis por 17 (dezesete) dos 26 (vinte e seis) por cento da inflação. Daí a reação do Presidente. A nova confrontação, assim, agora será com o sistema bancário.

Portanto, o imbroglia da mudança no ministério tem suas razões um pouco mais embaixo. Mas a raiz de tudo parece ser mesmo a inflação. E o miolo das desavenças são os juros. Agora, será que Eliseu Rezende vai ao centro do problema com a rapidez que Itamar quer? Logo, logo, ele vai saber que nada pode ser feito tão rapidamente assim. E vai começar tudo de novo.

Claro que toda esta história é um pouco esdrúxula. O Presidente, na verdade, quer que os juros baixem para fazer o País crescer de novo, dar empregos, promover a chamada retomada do desenvolvimento. Isso seria o contraponto da corrida ao dólar, que acontece sempre que os juros baixam. Mas o Governo não quer saber disso. Dólar é coisa da elite e o que interessa é o povo. Viva o Brasil!

■ Carlos Monforte é coordenador de Comunicação Social da Confederação Nacional da Indústria

Há mais mistérios entre o Palácio do Planalto e o Brasil do que sonha nossa vã Economia. Essa é a conclusão que se pode tirar depois que tanta coisa se disse da saída de Haddad e da assunção de Eliseu. Isso porque, na verdade, não foi nem a inflação como tal ou a lista do Banco Central que provocaram a mudança ministerial.

De acordo com o que me souprou a chamada fonte palaciana, foram os juros a causa principal da saída de Paulo Haddad. E tudo começou com uma conversa meio absurda, melancólica, entre o ex-ministro e o Presidente. Disse Itamar:

— Haddad, está na hora de baixar os juros, rápido. Eles é que fazem a inflação chegar onde está.

— Bem, Presidente, isso é muito delicado. Que os juros devam baixar, não há dúvida. Mas tudo tem de ser feito com calma, porque senão os bancos quebram.

— Como assim? Você me traz aqui empresários, políticos, todos reclamando contra os juros altos, que quebram a economia, a indústria, o comércio, e diz que é preciso ter calma?

— Se baixar rápido, quem quebra são os bancos.

04 MAR 1993

JORNAL DE BRASILIA